

UMA LEITURA DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO PELA ÓTICA DE MAX WEBER E GEORG SIMMEL^{1*}

*José Rômulo de Magalhães Filho^{2**}*

Resumo: É a religião o fator que melhor expressa o transpor do pensamento humano do mundo físico, de materialidade a conceitos e símbolos de uma realidade metafísica. A religião aparece como categoria que procura responder as condições da existência humana e que se manifesta através de expressões humanas coletivas, o que a coloca no campo das relações sociais. O pentecostalismo é uma das expressões de religiosidade que mais cresce no campo religioso brasileiro. Esta expressão de religiosidade tem alcançado os segmentos médios da sociedade brasileira. A partir do conceito de religião em Weber e de indivíduo e massa em Simmel, este texto se propõe a refletir sobre esta expressão de religiosidade crescente na sociedade brasileira.

Palavras-chave: religião; pentecostalismo; Weber; Simmel.

Abstract: Religion is the factor that best expresses the transpose of human thought from the physical world, materiality concepts and symbols of a metaphysical reality. Religion appears as a category that seeks to answer the conditions of human existence and manifested through collective human expressions, which puts it in the field of social relations. Pentecostalism is one of the expressions of the fastest growing religion in the Brazilian religious field. This expression of religiosity has reached the middle segments of Brazilian society. From the concept of religion in Weber and Simmel individual and mass, this text proposes to reflect on this expression of growing religiosity in Brazilian society.

Keywords: religion; Pentecostalism; Weber; Simmel.

1 * Resumo publicado nos Anais do IV Congresso Internacional em Ciências da Religião Programa em Ciências da Religião – PUC-GO - disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2011/04/anaisdoIVcongresso.pdf> (p. 382).

2 ** Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Endereço eletrônico: jrmf.pro@gmail.com

INTRODUÇÃO

Há no Brasil um campo de estudo para todas as ciências, e em especial para as ciências sociais, que tem alcançado um grau de importância cada vez maior. É o estudo das religiões. Seja a economia, a psicologia, a teologia e a filosofia, a demografia ou a própria sociologia, todas tem se debruçado sobre este objeto de estudo, buscando assim melhor compreender este fenômeno que desafia estudiosos e pesquisadores.

Com os autores clássicos aprendemos que esta temática sempre se fez presente em seus estudos. Weber, Marx, Simmel, Durkheim, dentre outros, de alguma forma discutiram, apresentaram teses, analisaram a sociedade a partir da temática religião.

Então, quando somos postos em pleno século XXI pelo desafio de entender o crescimento de uma expressão de religiosidade que há pouco mais de 50 anos se restringia uma parcela minúscula da população e hoje representa 17% da população brasileira (aproximadamente 32.000.000 de brasileiros), se faz necessário buscar nos clássicos, chaves de leitura para entender e estudar melhor este fenômeno.

O objetivo deste texto é a partir do conceito de religião em Weber e de indivíduo e massa em Simmel, refletir sobre esta expressão de religiosidade crescente na sociedade brasileira. Usar estes dois autores como chave de leitura e de entendimento desta nova realidade que se põe diante da sociedade brasileira. Para isso, com base em dois textos básicos de Weber – Economia e Sociedade, e A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, e no texto de Simmel – Questões fundamentais da sociologia, procurei, auxiliado por comentadores destes autores, analisar este que vem a ser um dos objetos de minha pesquisa de doutorado: *o pentecostalismo brasileiro*.

O texto está subdividido em três momentos distintos. Primeiramente procuro apresentar a origem e o desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro, sem aprofundar em detalhes históricos, mas apenas apresentando como ele surge e quais suas características atuais. Logo depois, através da leitura de Weber e Simmel, procuro analisar este pentecostalismo pela ótica destes autores, e por fim fazer algumas considerações que têm norteado minha pesquisa de doutoramento.

ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E CARACTERÍSTICAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

O pentecostalismo vem se revelando um fenômeno religioso de grande importância, não só para o estudo das ciências sociais, mas acima de tudo para a vida de pessoas que se aproximam destas comunidades de fé. Este fenômeno social tem despertado o interesse de vários estudiosos, pois o aumento desta parcela da população brasileira tem sido significativo. Há no Brasil aproximadamente 23% de evangélicos do total de sua população, o que representa quase 43 milhões de brasileiros. E 70% deste total se declaram pentecostais³.

O pentecostalismo chegou ao Brasil de forma oficial no início do século XX, e desde então se caracterizou como um fenômeno social a ser estudado. No início estes estudos ficaram restritos ao ambiente do protestantismo, pois seu impacto primeiro se dá diante deste grupo social ainda nascente em terras brasileiras. Hahn (1989), citando o *The Republic of Brazil*, de autoria de Erasmo Braga e Kenneth Grubb, datado 1932, afirma que menos de uma página deste relatório (de 184 páginas no total) foi dedicada ao pentecostalismo. Entretanto os autores já apontavam neste relatório que a Igreja de Belém (a Assembléia de Deus), tinha naquele momento cerca de cem mil membros, que se espalhavam do Pará até o Acre. Havia uma preocupação, pois esta expansão se dava muitas vezes através da transferência de adeptos das igrejas protestantes de missão (não-pentecostais), o que ameaçava o projeto de crescimento do protestantismo histórico no Brasil.

É nesta mesma década que o pentecostalismo ultrapassa as fronteiras protestantes e tornar-se um fenômeno religioso preocupante para a religião então hegemônica no Brasil, o catolicismo romano. É o que se percebe em um relatório do Padre Agnelo Rossi (HAHN, 1989), documento que tinha como objetivo preparar a Igreja Católica Romana para se defender do protestantismo (de todos os seus segmentos). Neste relatório o Padre Agnelo Rossi cita quatro grupos pentecostais, mencionando a presença destes grupos em vários estados da Federação: Pará, Amazonas, Rio Grande do Norte,

3 Se declarar pentecostal significa assumir que é membro de uma igreja evangélica que se autodeclara renovada, isto é, aceita a doutrina pentecostal do *batismo com o Espírito Santo* manifestado na experiência de falar línguas estranhas. Esta é a característica básica do pentecostalismo.

Ceará, Distrito Federal (Rio de Janeiro), Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e no Estado do Rio de Janeiro, e apenas uma igreja em São Paulo, quadro que se reverteria nas décadas seguintes.

O pentecostalismo teve como ponto forte, e que veio a ser o seu diferencial em relação ao chamado protestantismo histórico de missão (presbiterianos, batistas, congregacionais, metodistas, dentre outros), foi a ênfase no trabalho leigo (acólitos na expressão weberiana). Fazendo de cada um de seus membros, denominados de crentes, um agente reprodutor de seus ensinamentos e práticas religiosas. O que possibilitou que este modelo de religiosidade penetrasse com bastante força nas camadas mais populares da população, daqueles que foram historicamente excluídos do processo de desenvolvimento social.

Com um discurso e uma prática inclusiva, mulheres e homens foram encontrar nesta expressão de religiosidade, espaço para se afirmarem como indivíduos, serem tratados como iguais, tendo a possibilidade de ascense dentro do seu grupo social. Condição quase que impossível fora desta realidade.

Aplicando a teoria das três ondas (FREESTON, 1996; CAMPOS 1996), podemos perceber como se deu o desenvolvimento deste fenômeno religioso no Brasil. A primeira onda traz primeiramente o pentecostalismo no início do Século XX (1910-1911), para o Norte brasileiro, quando dois homens (chamados de missionários), vindos dos Estados Unidos da América fundam a Igreja Assembléia de Deus, e no Estado de São Paulo, um ítalo-americano, chamado Luigi Francescon, funda no bairro do Brás em São Paulo a Congregação Cristã do Brasil. Durante quase 50 anos este foi o modelo de pentecostalismo conhecido e praticado no Brasil “com exceção da Igreja Adventista da Promessa (1938), organizada fora dos padrões do ‘protestantismo histórico’” (CAMPOS, 2006: 84). A ênfase da primeira onda recaiu sob a experiência pessoal e o Batismo com o Espírito Santo, manifesto segundo o pentecostalismo, pelo fenômeno de glossolalia (falar em línguas estranhas).

Nos anos 50, aparece a segunda onda pentecostal, com ênfase nos milagres, na cura divina e da manutenção do falar em línguas estranhas. É neste contexto que surgem a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), Igreja Pentecostal o Brasil Para Cristo (1961), dentre outras. Há um crescimento devido ao uso por estas igrejas de grandes campanhas evangelísticas (apresentações em

espaços públicos para divulgação de sua prática religiosa) e do uso do rádio, como meio de divulgação da fé. Esta segunda onda atinge as igrejas chamadas históricas, e muitas chegam a se subdividir, assumindo práticas pentecostais, mas mantendo parte de estrutura organizacional existente.

A terceira onda pentecostal se dá a partir dos anos de 1970 e 1980, quando o país já conhecedor da prática pentecostal, enfrenta grave crise econômica, e a “inabilidade da ditadura militar para resolver os problemas básicos do povo mais pobre” (CAMPOS, 1996, p. 84), possibilita o surgimento de igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986), que são algumas destas Igrejas que representam esta terceira onda, e tem como característica um discurso de resolução de problemas concretos: saúde, finanças, restauração das relações familiares, recuperação de drogados etc. Usando com habilidade os meios de comunicação em massa, principalmente a televisão, seguindo modelo de sucesso da igreja norte-americana, denominado de igrejas eletrônicas.

O conceito de ondas enfatiza a versatilidade do pentecostalismo na sua teologia, liturgia e ética. Embora grupos antigos possam evoluir, e de fato evoluem, ao longo dos anos os grupos novos têm mais liberdade para inovar, tanto por meio de adaptações às mudanças sociais e culturais recentes como por meio de maior ousadia em sintonizar-se com a tradição religiosa nacional em busca de maior eficácia comunicativa. (FRESTON, 1996, p. 259)

Freston (1996) ainda faz uma referencia a uma série de estudiosos não-protestantes do fenômeno pentecostal, que percebem a importância deste na cultura do povo brasileiro. A comunidade pentecostal com suas práticas de inclusão cria comunidades onde às pessoas de diferentes segmentos sociais e se encontram. “Já não são apenas os pobres que buscam refúgio em ninhos pentecostais. Os salões de cultos, excetuando-se as comunidades pentecostais periféricas, misturam gente que se veste de modo simples, com outras que ostentam artigos de *griffe*” (SOUZA, 2006). A partir de 1980, diante de uma grande crise vivida por segmentos médios brasileiros, o pentecostalismo vai focar seus esforços de expansão nesta parcela da população, já que sua permanência entre os pobres já se constituía uma realidade. Todo o discurso

pentecostal passa a ser adaptado a este segmento social que naquele momento histórico tinha a necessidade de encontrar referenciais para reconstruir seus valores.

O discurso teológico materializou o sucesso e passou a valorizar a condição social. O pentecostalismo do fim do Século XX contrariando as análises feitas no princípio pelos sociólogos da religião, que o pentecostalismo seria a religião dos excluídos sociais (SOUZA, 2006), tem nos últimos anos mudado o foco do seu discurso (a ética pentecostal tem sido não mais a da paz futura, mas):

[as] benesses do corpo no tempo presente. Sob a bandeira da prosperidade, os segmentos médios estariam sendo atraídos, não mais em proporções numericamente reduzidas, como ocorria antes da década de 80, na qual o convertido das camadas médias renunciava aos valores próprios de sua classe e assimilava os valores das classes populares sacralizados pela doutrina pentecostal [...] O discurso central desta nova teologia é a crise econômica [...] as igrejas em geral adeptas do culto pró-prosperidade veiculam um discurso enfático que visa especialmente àqueles que vivem crises e almejam melhores condições de vida, atrelando as mudanças positivas aos efeitos milagrosos da fé. (SOUZA, 2006).

Crises familiares; arrocho salarial; perda do vínculo religioso, causado por uma geração anterior que rompeu com a religião, quer por ideais políticos, quer pela busca de uma liberdade que afastaram muitos da religião de seus pais (o catolicismo, o protestantismo histórico de missão); e a desesperança no próprio ser humano. Esta é uma geração que viveu a crise do sujeito, onde se destruiu o humano, produzindo um ser que se relaciona com outros como se fossem máquinas, objetos. Todas estas crises se fizeram presentes em segmentos médios, que de classe dominante e intelectualizada, tornou-se oprimida (pelo próprio estilo de vida que adotou) e sem referenciais ideológicos. Diante de vários conflitos e abertos a novas experiências, esses segmentos médios tornaram-se o novo foco do pentecostalismo. Sem abandonar suas origens, este fenômeno religioso tem penetrado em novas camadas sociais, com facilidade, e adequando seu discurso.

Se na década de 1960 Manuel de Melo, fundador da *Igreja O Brasil para Cristo*, pelo rádio citava o nome de pessoas que eram excluídas da sociedade (HAHN, 1989), a partir de 1980, grupos pentecostais falam de

prosperidade financeira, restauração da família, de cura para enfermidades físicas e emocionais, falam de depressão, de solidão, de medo, de angústia, e é a Igreja o lugar onde estes problemas são resolvidos e estas doenças são curadas. O discurso é de auto-estima, é a fala direta para um segmento social que havia perdido a esperança, os referenciais, os seus valores.

O crescimento dos evangélicos no Brasil fez aumentar os bens de consumo para esta parcela da população, atraindo muitos empresários para este meio. Este novo mercado foi bem recebido entre os pentecostais, que investiram de forma estratégica na gestão do trabalho religioso, adequando não só o discurso, como também sua prática (celebração, programas, músicas, aconselhamentos, espaços físicos etc.). A religião adequou-se ao estilo de vida de um segmento da população historicamente dominante.

Este discurso além de atingir o novo foco do pentecostalismo, satisfaz o seu público originário, pois como todos são iguais e irmãos na fé, há uma identificação com pessoas famosas: artistas, jogadores de futebol, políticos, *socialites*, empresários.

Mantendo uma prática originária, o leigo continua sendo o grande divulgador do pentecostalismo. Sem preocupação em preparação teológica formal, surgem líderes, obreiros, pastores e pastoras, bispos e *bispas*, apóstolos e apóstolas, missionários e missionárias, pois são funções que qualquer um pode exercer.

Artistas se tornam pregadores, líderes e passam a representar esta grande parcela da população brasileira. Advogados, médicos, engenheiros, que historicamente no Brasil ocupam lugares privilegiados, em muitas igrejas pentecostais desenvolvem trabalhos voluntários sob a orientação de líderes que de alguma forma direcionam seus comportamentos e atividades. De dominadores a dominados.

O discurso pentecostal quer originário ou contemporâneo é inclusivo e de fácil assimilação pelos mais variados segmentos sociais. Mesmo no passado em que se exigia do seu membro práticas bem rigorosas, tais como: não assistir televisão; não beber bebida alcoólica; não cortar o cabelo ou não usar roupas masculinas (para as mulheres); dentre outras, estas exigências se tornaram insignificantes para a maioria dos grupos pentecostais, diante do processo de inclusão: ser irmão, de poder falar em público; ser ouvido, dirigir reuniões, ter o nome no rádio citado ou ser parceiro na manutenção do programa na televisão, ser respeitado na comunidade.

Ainda se mantêm em alguns ramos do pentecostalismo brasileiro estas práticas de uma moralidade rígida, e às vezes intolerante. Mas com a penetração em outras camadas da população, que historicamente nunca foram dominadas, mas sempre dominantes, estas exigências foram se adequando. E outros tipos de dominação foram se estabelecendo. A dominação sempre está relacionada à dependência do membro em relação à igreja, ou ao líder.

Neste cenário que se construiu a partir da terceira onda pentecostal brasileira, houve a necessidade de não só adequar o discurso e as práticas religiosas, como se adaptar a um novo tipo de membresia (congregação no conceito weberiano). Membros que frequentam a universidade, que vêem televisão, leem jornais, frequentam *shoppings centers*, vão à academia, enfim têm uma vida social ativa, e não abrem mão desta sua condição. Mas que necessitam da vida religiosa para satisfazer suas necessidades pessoais (SIMMEL, 2007).

O pentecostalismo diante deste novo público conseguiu se estabelecer. Firmou-se como um fenômeno religioso de inclusão e de dominação. Não só aproximou-se em sua chegada da população historicamente excluída e explorada, e a ela possibilitou a construção de uma identidade, e isto inclui as mulheres (mesmo que esta identidade esteja ligada à dominação masculina). Como também adequou seu discurso para manter sua característica de religião inclusiva e dominadora, quando adaptou suas práticas religiosas, ao se aproximar de novos segmentos sociais. Como exemplo se tem os programas de televisão bem produzidos, os templos confortáveis, as reuniões em hotéis de luxo, os jantares de empresários, os desfiles de moda etc. Este é o pentecostalismo brasileiro contemporâneo. Muito mais do que uma prática religiosa, uma organização social digna de análise e atenção não só pelas ciências sociais, mas por outras expressões da ciência.

O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO VISTO POR ALGUNS CLÁSSICOS DA TEORIA SOCIAL

É a religião um fator que melhor expressa o transpor do pensamento humano do mundo físico, de materialidade a conceitos e símbolos de uma realidade metafísica (BERNARDI, 1989). A religião aparece como categoria que procura responder “determinadas condições de existência

humana” (DURKHEIM, 1990, p. 149), o que coloca a religião como algo “eminentemente social” (DURKHEIM, 1990, p. 157).

Para Simmel há uma diferença entre religiosidade e religião. A primeira precede a segunda, e está diretamente ligada a experiência humana (uma questão de experiência individual), a segunda tem haver com o elemento histórico, organizacional (CIPRIANI, 2007). “[...] não é a religião que cria a religiosidade, mas a religiosidade que cria a religião” (SIMMEL apud CIPRIANI, 2007, p. 121).

A religião é vista por Simmel como o produto de uma cultura, criada a partir da interação de indivíduos com a sociedade que vai se manifestar naquilo que ele vai chamar de *igreja-instituição*, mas sempre partindo de uma disposição interior de indivíduos, a idéia de religiosidade. E cultura é entendida por Simmel (apud CIPRIANI, 2007, p. 123), como “energia ou disposição de natureza” que se aperfeiçoa, é uma disposição originária, uma atitude natural. Assim, religião é cultura, pois surge como sentimento natural de religiosidade.

O crescimento numérico do pentecostalismo e os espaços ocupados nos poderes constituídos possibilitam este ser uma realidade social que demanda atenção, estudo e melhor compreensão. Por isso o pentecostalismo deve ser compreendido no sentido weberiano de interpretação de ações (WEBER, 2000), de apreensão de sentido dentro da sociedade. Entende-se sociedade aqui como o conjunto de seres humanos que “produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas [...] o ser humano solitário é um ser no nível animal [...] O *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.75). A sociedade não existe sem se estabelecer um ideal, que diante da realidade vivida (sociedade real), se constitui com ideal, ideal coletivo expresso pelos seres humano. No dizer de Durkheim (1990, p. 171) “[...] Foi na vida coletiva que o indivíduo aprendeu a idealizar. Foi assimilando os ideais elaborados pela sociedade que o indivíduo aprende a idealizar”.

Do desencanto ao fortalecimento, religião é um objeto de estudo que sempre esteve presente no centro das discussões humanas. No pensar weberiano, a racionalização da sociedade levou ao desencantamento do mundo (WEBER, 1987; FERREIRA, 2004), o processo de modernização

da sociedade racionalizou, desmitologizou o sagrado. Como a passagem da mitologia a razão, a religião tornou-se racional, e como se houvesse um des-
desencantamento (ou reencantamento) a sociedade reassume sua condição de sociedade religiosa.

A sociedade ocidental privilegiou a razão, a ciência, a especialização de um corpo profissional. Esta racionalização da sociedade encontrou no protestantismo, real herdeiro da razão moderna conforme pensar weberiano, o parceiro ideal para implantar a ditadura da razão. O protestantismo, como todo o cristianismo é ocidental, logo racional, cheio de especialistas, que surgem para justificar o caráter racional deste que é mais que uma religião é um próprio modo de existência.

Weber interessado em encontrar a origem da atitude moderna de racionalização (FERREIRA, 2004) analisa o conceito de vocação no protestantismo. A ética protestante vista como vocação pelo protestantismo, levou indivíduos a produzir uma nova dinâmica na sociedade, o que resultou na sociedade capitalista ocidental. Weber (1987, p.115) chega a afirmar que para o puritano “não é trabalho em si, mas um trabalho racional, uma vocação, que é pedida por Deus”. A análise weberiana não descarta o papel do indivíduo como *ser-aí*. Para ele o indivíduo é elemento participante da construção social. O afastamento da magia e a crença em um Deus transcendente fizeram do indivíduo protestante um ser-no-mundo, ser que não só se faz presente, mas que age na construção de sua própria realidade. É *ação* conforme conceito weberiano.

Se o protestantismo racionaliza esta religião, o pentecostalismo retoma elementos mágicos (cura, glossolalia, experiências místicas), mas não descarta a função dos especialistas (sacerdotes na linguagem weberiana) no que se refere a divulgação de sua doutrina através do sermão, da ação do cura de almas e a manutenção por estes do saber sagrado.

No que tange ao indivíduo e sua relação com a sociedade, Simmel (2007) faz uma diferença entre a massa e o indivíduo. Na sua interpretação há no indivíduo características próprias, separadas das características presente na massa, que permite o ser humano enquanto indivíduo viva uma relação determinada pela semelhança-diferença. “Semelhança e diferença são, de múltiplas maneiras, os grandes princípios de todo desenvolvimento externo

e interno” (SIMMEL, 2007, p. 45). Toda história da cultura humana deve partir desta tentativa de conciliação entre semelhança e diferença.

Para a afirmação do indivíduo na sociedade, ser diferente é mais importante que ser igual. É a diferença que nos impulsiona a ações criativas. A busca por diferenças é a causa da não perpetuação de algumas agremiações (SIMMEL, 2007). Há no pensar simmeleano uma superioridade do indivíduo sobre a massa. O indivíduo é sempre pressionado, está sempre diante de decisões a tomar. Nestes termos os indivíduos são livres, “enquanto as ações da massa seriam determinadas por uma ‘lei natural’” (SIMMEL, 2007, p. 40). Assim a massa, como o espírito público do indivíduo, tem objetivos tidos pelo pensamento simmeleano, como primitivos e fundamentalmente simples. Entre eles está:

O asseguramento da existência, a aquisição de novas propriedades, o desejo de afirmar e expandir a própria esfera de poder, a defesa das posses conquistadas – estes são impulsos fundamentais para os indivíduos, impulsos a partir dos quais ele pode se associar de modo conveniente a muitos outros indivíduos, a seu gosto. (SIMMEL, 2007, p. 41)

Já o indivíduo, pode vir a ter tantas quantas outras qualidades desejem. É daí que surgem as diferenças. Daí surgir em Simmel (2007) dois conceitos: *sujeito indivíduo* e *sujeito massa*. O primeiro é decisivo, tem qualidades superiores, mas o segundo é manipulável, dependente, desejoso apenas de ver suas necessidades básicas serem satisfeitas. São os “jogos sociais, que trazem consigo o caráter espiritualmente mais primitivo e despido de ambição, que se chega à alegria sem limites e ao sentimento de união desprovido de qualquer reserva nos círculos mais jovens” (SIMMEL, 2007, p. 49). A grande massa é o espaço de rebaixamento do indivíduo, que o coloca em uma condição de sujeição de sua própria existência.

A massa é um fenômeno que aparece dos fragmentos mais primitivos de cada indivíduo coincidente com o de outros indivíduos. Por isso as massas são facilmente dominadas e no pensar de Simmel (2007) sempre por uma *ideia*, e muitas vezes a mais simples delas. Ideias que despertam os sentimentos e desejos mais primitivos, e que termine por negar as outras ambições com a qual o indivíduo se confronta.

O pentecostalismo como expressão religiosa age no *sujeito massa*. Procura em seu discurso despertar os sentimentos presente nas massas: propriedade, expansão da esfera de poder, defesa das posses. Em segmentos populares, diante da não possibilidade de se firmar como cidadão, com oportunidades e realização de seus desejos, o pertencimento a um grupo que lhe ofereça através da ideia estas possibilidades é muito bem aceito. No que se refere a segmentos médios, o fim de referenciais éticos, a diminuição do poder despótico paternal, as relações fragmentadas na família, são motivos suficientes para aderirem a uma sociedade religiosa que propõe a solução destes problemas. Aderir a uma massa, dirigidos por ideias que vêm despertar os sentimentos de poder e propriedade é trazer uma sensação superioridade de volta.

Estes *sujeitos massa* são facilmente envolvidos pelo discurso mágico do profeta⁴, aqueles que segundo Weber (2000) que são os detentores de um carisma especial, e no pensar simmleano pode ser “qualquer pessoa que tenha pretendido agir sobre as massas” (SIMMEL, 2007, p. 52), e que consegue seu objetivo ao apelar para sentimentos não usando para isso discursos articulados, e construções teóricas bem construídas.

O sucesso do profeta atrai adeptos, discípulos, acólitos (no sentido daquele que acompanha no caminho), e esta adesão se faz de “modo puramente pessoal” (WEBER, 2000, p. 310). Esses apoiadores esperam um retorno por essa ajuda, na fala de Weber, eles esperam a salvação pela missão realizada. Estes apoiadores se transformam no pensar weberiano em *congregação*, que não é necessariamente produto da profecia, ela surge através de um processo de cotidianização, que é a continuidade da revelação e de administração da graça, o que garante de “modo permanente, a existência econômica” (WEBER, 2000, p. 311). Para Simmel (2007) são as massas juntas dentro de um lugar determinado.

Na congregação do pentecostalismo, seguindo o discurso do profeta e a orientação dos sacerdotes⁵ estes *sujeitos massa* agem de modo igual, como “se o número daqueles que estão fisicamente próximos fosse em certa medida

4 “Profeta é definido como aquele que é portador de um carisma especial, sendo esse carisma entendido como um dom natural (em aptidão) e inserido por meio da nomeação comunitária. O profeta também é um líder carismático, na medida em que a sua tarefa não se limita a reproduzir a tradição, mas sempre possui uma revelação nova.” (OLIVEIRA, 2009, p. 151)

5 Aquele que atua como um funcionário a serviço das ideias interpretativas do profeta (WEBER 2000).

o multiplicador da potência do sentimento portado pelo indivíduo – passa longe da intelectualidade desse indivíduo.” (SIMMEL, 2007, p. 53).

Pela a ótica destes pensadores, o pentecostalismo brasileiro pode ser percebido como uma expressão de religiosidade que age sobre os sentimentos dos seus seguidores, dando-lhes aquilo que eles mais desejam: sensação de segurança, de posse, de pertencimento. Ser *sujeito massa*, tornarem-se membros de uma congregação, consumidores do sagrado, é uma opção diante de uma necessidade de existencial do indivíduo neste início de século.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso do pentecostalismo brasileiro traz a este *sujeito massa* a esperança que o Estado liberal não conseguiu trazer (a idéia de liberdade, de propriedade privada, de individualidade), traz a perspectiva de solidariedade e de coletividade que o socialismo também não trouxe.

Em segmentos populares o pentecostalismo acende a chama da igualdade e a esperança de ascensão na esfera social. Estar presente na congregação, juntar-se a outros que têm o mesmo sentimento, ouvir palavras de incentivo e ocupar posições de destaque em suas comunidades, são experiências importantes na vida de pessoas marcadas pela exploração e pelo sentimento de abandono tão presente nesta grande parcela da população.

Quanto a segmentos médios, os valores que foram se perdendo no decorrer do século XX, a perda dos espaços de dominação, o desmantelamento da família nuclear, a divisão do poder familiar são elementos mais que suficientes para justificar a entrada deste segmento social no pentecostalismo. A adaptação do discurso, o uso do sermão – “ensinamento coletivo sobre coisas religiosas e éticas” (WEBER, 2000, p. 318), e da cura de almas – “assistência religiosa aos indivíduos [...] produto da religião profética revelada” (idem), serviram de incentivo para a penetração do pentecostalismo nesta parcela da sociedade.

A superioridade do indivíduo sobre a massa se dá apenas no campo da individualidade. Em sentimentos ditos superiores por Simmel (2007), o indivíduo busca a diferença. Neste ponto os segmentos médios buscam profissionalização, manutenção de *status quo*, perpetuação do poder. Daí os

segmentos médios estarem sempre *inventando moda*, no sentido de criarem sempre elementos de diferenciação em relação a outros segmentos da população. Novas profissões, novos roteiros de viagem, novos ritmos musicais, novos estilos de vida.

Mas esta busca por uma diferenciação, tão característica do *sujeito indivíduo*, se fragmenta diante da perda de referenciais deste segmento da sociedade. Se as camadas mais populares da população buscam no pentecostalismo igualdade e possibilidade de ascense social, os segmentos médios buscam um discurso moralizador e que direcione seus sentimentos. No passado esta função foi da religião oficial, do Estado conservador, ou de ideais políticos. Hoje sem estes referenciais, busca-se em uma religião (expressão da religiosidade do indivíduo) que traz respostas para suas necessidades mais básicas, sem com isso alterar seu estilo de vida, o motivo para manter aceso aquele sentimento de nostalgia e de segurança que o passado traz.

Simmel (2007) diz que o indivíduo tem um apego ao que é antigo, tradicional, mas que consegue se relacionar bem com o que é “novo e excepcional” (SIMMEL, 2007, p. 43). Há um *quê* de romantismo no que é antigo o que permite que o indivíduo sintam-se seguro. O pentecostalismo é o novo, que restaura o sentimento de segurança, presente no antigo.

Weber e Simmel são para as ciências sociais chaves de leitura para a análise deste fenômeno social que se espalha pelos mais variados segmentos da população brasileira. Muito mais que um fenômeno social, podemos afirmar que a partir da leitura destes clássicos da teoria social o pentecostalismo se manifesta hoje como um novo estilo de vida de segmentos da população brasileira.

REFERÊNCIAS

BARTZ, Alessandro. A sociologia da religião de Max Weber interpretada por Pierre Bourdieu: breves apontamentos. **Protestantismo em Revista**, v. 14 (ano 06, n. 03), set.-dez. 2007. Disponível em: <<http://www.w3.org/TR/html4/loose.dtd>> Acesso em: 03 de jul. 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983. 247 p. (Coleção Antropologia; 5)

BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**. Lisboa: Ed. 70, 1989.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo brasileiro e mudança. In: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004. p.106-136.

_____. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximação e conflitos. In GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito: os pentecostais na Américas Latina**. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 77-120.

CIPRIANI, Roberto. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

DURKHEIM, Émile. As formas religiosas da vida religiosa. In: RODRIGUES, J. A (ORG.). **Durkheim, Sociologia**. São Paulo: Ática, 1990, p. 147-203.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. Desencantamento do mundo. **Teologia e Sociedade**, vol 1, n. 1, abril 2004, p. 74-85. Seminário Teológico de São Paulo. São Paulo: Pendão Real, 2004.

FRESTON, Paul. Entre o pentecostalismo e o declínio do denominacionalismo: o futuro das igrejas históricas no Brasil. In GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito: os pentecostais na Américas Latina**. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 257-276.

_____. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba: Encontrão, 1994.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Trad. Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004. p.49-79.

OLIVEIRA, Arilson Silva. Desvendando a religião e as religiões mundiais em Max Weber. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, jun. 2009, p. 136- 155.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. Uma versão pentecostal burguesa no Brasil – idéias preliminares. **Revista do Espaço Acadêmico**. N. 58. Mar. 2006. Ano V. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/058/58esp_souza.htm> Acesso em 10 de jul. 2010.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília, DF: UnB, 2000, v. 1.